

PATRIMÔNIO GERSI TRABALHA COM AS VELHAS POLARÓIDES

O último lambe-lambe

Gustavo Mariani

Seu Gerci Amaro, um sujeito sem sobrenome e que nem sabe onde nasceu, é o que se pode chamar de "cabra marcado para chegar ao fim da linha". Não que ele esteja jurado por algum matador, ou vá se aposentar. Não! Aposentado ele já é, há cinco anos. Também, que se alembre, não tem inimigos.

Seu Amaro é, simplesmente, o último lambe-lambe à moda antiga no Planalto Central do País. Ele não se adaptou, de jeito nenhum – e não foi por falta de tentativas – à nova tecnologia da era digital, que conquistou todos os seus velhos concorrentes. Para compensar uma quase infidelidade ao seu cinquentenário cotidiano, faz uma séria ameaça à clientela: quando não puder mais trabalhar, por falta de filme polaróide no mercado, dará por encerrado o seu ofício.

O futuro operário – pretende trabalhar com um filho que é mestre-de-obras – não tem sobrenome porque seu pai, José Amaro, amancebado com a morena Geraldina Oliveira, nunca se preocupou em dar trabalho a nenhum oficial de registro civil. Mais desligado do que o pai, Seu Gerci nem sabia que a sua banca era tombada pelo patrimônio histórico do DF. "E o pior é que tá mesmo no Diário Oficial", comemora ele, que saiu do Espírito Santo, na barriga da mãe, e voltou no mesmo endereço, "porque ela não tinha nem onde me parir", garante, com absoluta autoridade geográfica.

A banca desse capixaba, que nunca indagou aos pais pelo nome do torrão natal – foi registrado no cartório de Afonso Cláudio –, fica na Comercial Norte de Taguatinga, mais precisamente, no calçadão da Administração Regional. É ali que ele arma a sua geringonça, nas manhãs de todos os dias, e só passa o cadeado na fachada do "estabelecimento", que não tem nem nome e está ficando sem razão social de existir, por conta da baixa demanda desses tempos de crise: "Quando fotografo três pessoas, num dia, faço festa. Antigamente, no tempo que Taguatinga só tinha poeira, eu não dava conta do serviço", relembra os tempos em que se metia no chamado "caixotão de abelha", sumia dentro de um pano preto e vivia enchendo e secando baldes d'água, pra lavar foto. "A fixação (da imagem) era por conta do vento e levava, de 15 a 30 minutos", calcula.

Bons tempos aqueles, da década de 1960, em que os baianos chegavam, só de calção, "querendo tirar retrato pra fichar nas obras", recorda Seu Gerci, ressaltando que o grosso de sua clientela era procedente da Bahia: "Eu tinha aqui uma camisa e um paletó que levavam mais de ano sem lavar. Mudavam de cor. E, como peão não sabe dar nó em gravata, eu só faltava enforcá-los. Quando a fila era grande e todo mundo tava avexado, todo nó (na gravata) saía torto. Mas o peão só queria ver a cara dele. O resto tava bom", garante.

Proventos

Gerci Amaro recebe pouco mais de R\$ 400 de aposentadoria, e complementa os seus proventos com uma arrecadação média mensal de mais R\$ 300. Como gasta R\$ 160, "toda vez que a véa passa", para comprar dois filmes, fica, sempre, na expectativa de que as coisas melhorem, no mês seguinte. Quanto à "véa", esta é a sua fornecedora, cuja "graça" ele jamais perguntou, bem como o meio pelo qual ela lhe consegue os filmes. "Imagino que traga de Goiânia, pois aqui, no DF, não encontro mais", assegura o lambe-lambe, que não faz questão de intimidades com o vernáculo, anunciando os seus serviços no "Foto a cor", pelas paredes de madeira de um barracinho amarelo, sem a recomendável distância entre um substantivo e um artigo.

Inachável

As máquinas bem antigonas dos lambe-lambes não se encontram mais. "São inacháveis", segundo Seu Gerci, querendo acreditar que algum museu as tenha. Ele aprendeu a usá-las com a turma que trabalhava na Praça Saenz Peña, no Rio de Janeiro, no final da década de 1950. Passados mais de dez anos, ele aderiu à onda das polaróides, cujo modelo, que ainda usa, tem mais de 20 anos de, considerados, "bons serviços prestados à comunidade".

Parado no tempo, por livre arbítrio, Seu Gerci também, não deixou de evoluir. Vejamos: se, antes, era o vento que fixava no

papel o rosto da sua "seleta" clientela de baianos, agora, ele corta uma latinha de cerveja, joga um pouco de álcool no fundo do recipiente, acende um isqueiro e arruma fogo pra aquecer o ambiente, revelando, então, a estampa do cidadão. Digamos que não seja um método, ecologicamente, tão desejável. Mas, convenhamos, não deixa de ser rápido e prático, confere? O exemplo acima tem a aprovação de Eder Alves Pereira, de 18 anos, nascido em Taguatinga e que usava dos serviços externos – no meio da rua – de Seu Gerci, quando o profissional precisou interromper, por instantes, esta entrevista, que não lhe fora solicitada, previamente. "Dez reais por seis retratos não tá caro, não", acha Eder, segundo quem "pobre não vai a shopping".

A maioria dos clientes de Gerci Amaro é de pretendentes a possuir uma carteira de motorista. O "causo" mais engraçado que ele registra nos anais do seu "empreendimento" assucedeu há muitos anos e, por sorte, não lhe envolveu em um conflito internacional. "Um japonês chegou aqui, tirou o retrato e ficou de vir buscar, mais tarde. Nisso, chegou mais um. Quando o primeiro voltou, entreguei o retrato do outro."

Quer dizer: um ficou sendo o outro e o outro ficou sendo o um. "Eram tão parecidos que nunca voltaram pra reclamar", conta, sorrindo, da trapalhada. Quando passa muito tempo sem cliente, Seu Gerci fica jogando xadrez

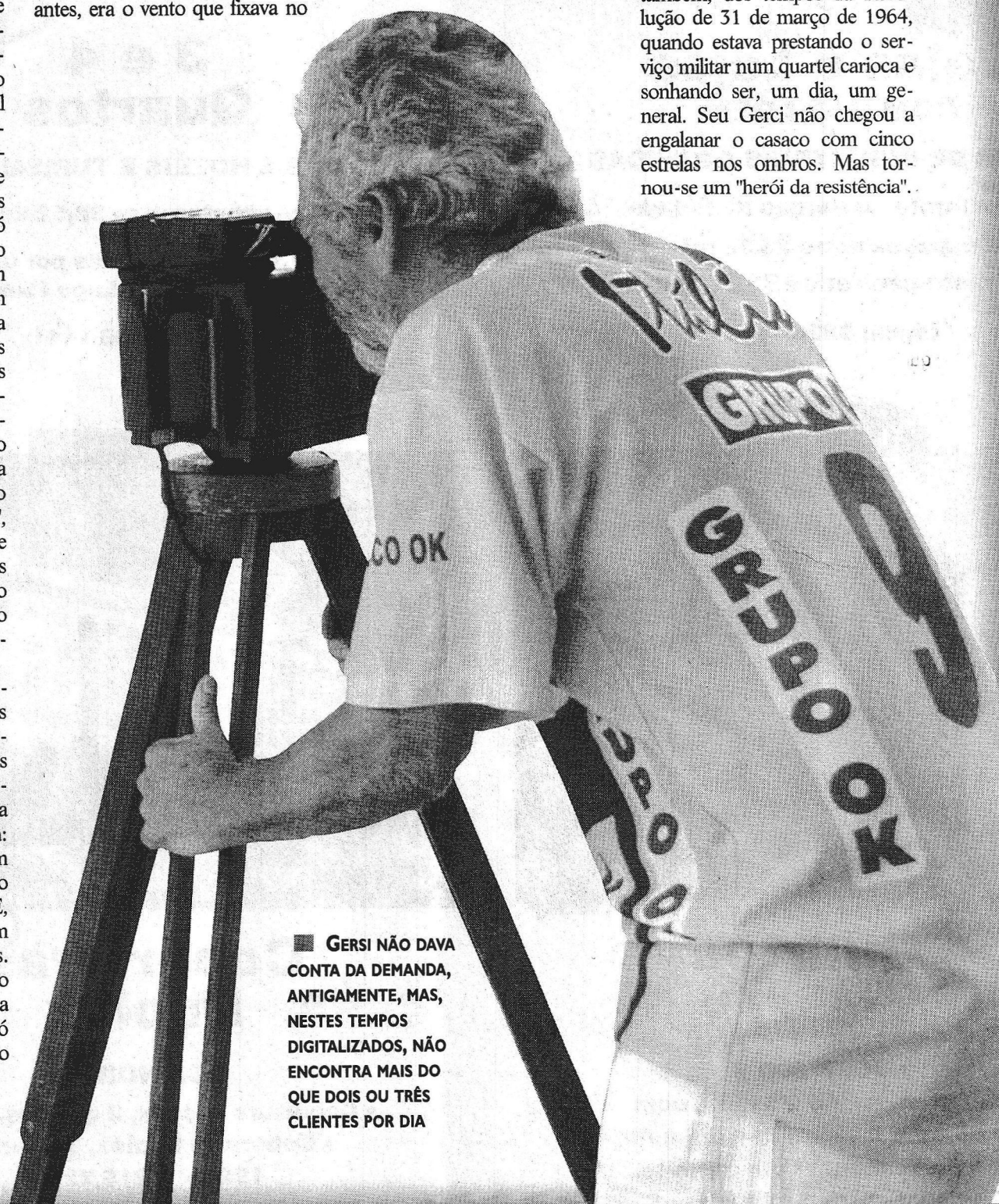
com os aposentados que marcam encontro no "Fotoa cor". E jura que não tem torre e nem cavalo, muito menos rainha e nem rei capazes de segurar o assanhamento daquela patota, se chegar uma menina nova e pouco vestida, pra ele fotografar. "Mulher não sai de casa feia, nem se for feia."

Metrô

O último lambe-lambe tradicional do DF colocou os quatro filhos pra estudar – três homens e uma mulher, hoje, na faixa dos 30 aos 46 anos – batendo ponto no centro comercial de Taguatinga.

Mas o que seu Gerci não consegue se entender mesmo é com as modernidades. Assim como não rolou intimidades com as câmeras digitais, ele foi expulso da Praça do Relógio pelas obras do metrô, meio de transporte que se recusa a usar – mora nas QNL e anda de ônibus.

Certa vez, há quase 20 anos, Gerci Amaro teve uma grande surpresa. Tinha viajado para Niterói-RJ, e viu, numa das praças onde há camelôs, o "caixote de abelha", o tripé e o pano preto que ele havia construído para trabalhar em Taguatinga. "O dono da banca conferiu todas as particularidades que eu lhe apontei, e viu que eu não mentia. Deixei pra lá, não chamei a polícia", recorda. Por ter passado uma grande parte da sua juventude no Rio de Janeiro, Seu Gerci jamais perdeu o hábito de visitar a Cidade Maravilhosa. "Sempre que posso, tô indo", informa, sem esquecer, também, dos tempos da Revolução de 31 de março de 1964, quando estava prestando o serviço militar num quartel carioca e sonhando ser, um dia, um general. Seu Gerci não chegou a engalanar o casaco com cinco estrelas nos ombros. Mas tornou-se um "herói da resistência".



■ GERSI NÃO DAVA CONTA DA DEMANDA, ANTIGAMENTE, MAS, NESTES TEMPOS DIGITALIZADOS, NÃO ENCONTRA MAIS DO QUE DOIS OU TRÊS CLIENTES POR DIA

FERNANDO RODRIGUES